

Eleitos diplomados em Petrópolis

Com a presença de autoridades, políticos e empresários, o prefeito eleito de Petrópolis, Hingo Hammes, o vice eleito Albano Batista Filho, e os 15 vereadores eleitos foram diplomados, na última quinta-feira (19), durante cerimônia realizada no Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto, na Cidade Imperial.

Fotos Cláudio Magnavita



Albano Baninho (d), vice-prefeito eleito, recebendo o certificado do presidente da 29ª Junta Eleitoral, Ronald Pietre (e)



Vereador Júnior Coruja, presidente da Câmara de Petrópolis e vereador mais votado



Dom Joel, Bispo da Diocese de Petrópolis; ao lado do Padre Lucas, igreja da Mosela



Diplomados, o vereadores reeleitos que estarão na Câmara Municipal no próximo quadriênio (2025 - 2028), Dudu; Gilda Beatriz; e Fred Procópio



O prefeito eleito de Petrópolis, Hingo Hammes, com os jornalistas Paulo Antônio Carneiro Dias (Diário de Petrópolis); e Cláudio Magnavita (Correio Petropolitano)



Tenente Bombeiro Eduardo Alencar (e) com Marco Paes (d), que retorna a TurisRio agora como vice-presidente, substituindo Pablo Kling que será anunciado como o novo Secretário de Turismo de Petrópolis



Fernanda Ferreira, futura presidente da Comdep, e Fábio Júnior, futuro secretário de Fazenda

PINGA-FOGO

A HIPOCRISIA NATALINA

■ Neste período de festas a marca maior do espírito natalino é a fraternidade e solidariedade. Vale a pena refletir sobre estes três tópicos:

■ **A FALTA DE SOLIDARIEDADE NA GOL** - Uma passageira do Gol 1511, no dia 09 de dezembro, embarcou em um 737-800 no aeroporto Luís Eduardo Magalhães, em Salvador, com destino a Congonhas, em São Paulo. Com apenas 1,40 cm de altura, visivelmente com PCD, com encurtamento dos membros, ela pede gentilmente ao comissário Diego Gomes auxílio para colocar a sua malinha de mão no maleiro do avião. O fofinho comissário não hesitou: "Não posso ajudar, não é minha obrigação!".

■ **Foi um constrangimento geral. Um passageiro sentado no espaço confortável, indignado se ofereceu para ajudar. A passageira, alta funcionária do governo federal, constrangida com a grosseria natural do funcionário da Gol, se dirigiu ao seu assento na poltrona 23C, e, com auxílio de outros passageiros, guardou sua mala.**

■ Indignada e depois de reflexão e pensando em futuros passageiros PCDs, chamou a chefe de equipe durante o voo e fez o registro do seu desconforto. "A Gol foi pioneira em contratar PCDs na aviação e é por isso que relatei o que ocorreu". A chefe do voo, com um nome complicado, para surpresa de quem ouvia a história, confirmou que o comissário não tinha obrigação de ajudar os passageiros com as suas bagagens. Além de endossar o colega, disparou ainda "por que a senhora não despachou a sua bagagem?". A resposta amancou aplausos dos passageiros curiosos pelo desfecho: "a senhora já ouviu falar de bagagem extraviada? Se a minha mala for perdida, eu não posso ir a um shopping e comprar uma roupa como você faria. Pela minha altura as minhas roupas são especiais".

■ **Para finalizar a história, o avião parou em posição remota em Congonhas, e a passageira PCD teve de descer a escada, degrau por degrau, sem que os comissários ou despachantes esboçassem um pingão de solidariedade.**

■ **ORACISMO DA SUNSET EM PLENO MARACANÁ** - Um dos mais conceituados jornalistas de cultura do Rio e sua esposa foram ao Maracanã, no dia 22 de novembro, assistir o jogo entre o Fluminense e o Fortaleza. Ao passar pela revista na entrada do estádio, o casal foi surpreendido por uma atenção especial da esposa do jornalista, uma afrodescendente com uma linda cabeleira que valoriza a sua etnia. A funcionária da empresa de segurança Sunset, Érika Nascimento dos Santos, além da verificação externa, queria fazer uma revista no penteado da jovem esposa, em uma violência e visível sinal de discriminação.

■ **Como houve reclamação, o gerente da Sunset levou a sua funcionária até a delegacia do Maracanã e lavrou um ato de fato atípico número 018-11187/2024, no qual o preposto informa: "que segue as normas do procedimento padrão de revista da Empresa, mas que a torcedora continuou dizendo que a comunicante não mexeria em seu cabelo. Diante da situação, o superior da comunicante direcionou todos para esta delegacia destacada para apresentação da ocorrência à Autoridade Policial em serviço."**

■ Por pouco a vítima era transformada em algoz e seria processada pela Sunset por não permitir a revista íntima na sua cabeleira. Um triste conluio entre a Sunset e as autoridades policiais lotadas no Maracanã.

■ **FRATERNIDADE SÓ NO PAPEL E NA PALAVRA** - No dia 14 de dezembro, em um velório, um padre e um maçom foram chamados para homenagear a personalidade falecida, conhecido pelo apoio a obras sociais e por fazer o bem. O padre falou primeiro. Usando camiseta de obra social e calçando sandálias franciscanas, pregou sobre a amizade e o momento de passagens. Leu trechos do evangélico e chegou até citar o lema liberdade, igualdade e fraternidade da maçonaria.

■ Sem que houvesse cumprimentos, entrou o maçom paramentado como integrante dos altos corpos e usando avaral do grau 33. Leu um texto sobre fraternidade e reflexão sobre o Oriente Eterno. Falou do orgulho e da necessidade de viver uma vida justa.

■ **Após os dois oradores terminarem, um dos presentes fez um comentário que revelou um paradoxo: os dois eram irmãos. O padre e o maçom. Não se falavam por questões de família e não por desavenças entre maçonaria e igreja. Por onde andava a fraternidade que minutos antes eles pregavam?**

■ **NATAL É TODO DIA** - Estas três histórias revelam a hipocrisia social de um espírito natalino que só surge nesta época do ano. O espírito do Natal deveria ser nos 365 dias do ano e em pequenas atitudes, como o ajudar um PCD no avião como deveria ter feito o comissário na Gol; o respeito à etnia como faltou ao manual da Sunset; ou com um padre e maçom que deveriam dar o exemplo e se abraçar. Na política, falar de fraternidade é hipocrisia. Muitos pensam só nos negócios que podem fazer e não no povo sofrido que precisa de apoio e justiça social.

Fernando Molica

Os bancos viabilizam e permitem os muitos golpes

Bancos e outras instituições financeiras são cúmplices da epidemia de golpes aplicados pela internet e por celulares. A falta de um mínimo de cuidado na abertura de contas e na emissão de boletos é que permite a efetivação das versões contemporâneas do estelionato.

Os criminosos que aplicam o golpe do falso sequestro geralmente pedem entrega de dinheiro vivo, marcam encontros físicos, atuam à margem do sistema legal de transações.

Já os casos de estelionato aplicados por celular e internet envolvem quase sempre depósitos por pix e/ou pagamentos de boletos. Normalmente, a vítima envia uma quantia para a conta de A, que a repassa para B, C ou D, até que o dinheiro é sacado.

O crime ocorre dentro do ambien-

te de instituições financeiras registradas no Banco Central. Os bancos cedem toda sua estrutura para golpistas, como proprietários de casas que as alugam sem cuidado e depois descobrem que os endereços foram utilizados por quadrilhas. Na prática, servem cafezinho e água gelada para os criminosos.

Diante de uma denúncia de golpe, bancos e demais instituições financeiras agem como o francês que simula chateação com algo ocorrido com terceiros, e manda um "Je suis desolé", pedido de desculpas que simula profunda desolação e uma grande tristeza com o ocorrido. Muitas vezes, a frase equivale a algo como um "Dane-se, o problema é seu".

Essas empresas alegam que não têm o que fazer, que o dinheiro passou batido por suas contas, ou que a emissão

de boletos é algo automático; dizem que não têm como controlar milhões de operações feitas diariamente.

Não podem vigiar cada transação, mas deveriam checar e recheckar dados de que cada pessoa ou empresa que abre uma conta corrente ou utiliza sua estrutura. Não faz muito tempo, abrir uma conta num banco era algo que dava trabalho, era preciso ir a uma agência, apresentar documentos, assinar fichas diante de funcionários.

Hoje, todo o processo é feito de forma remota. Bancos e as tais fintechs abrem contas em poucos minutos, basta enviar imagens de documentos e suposta foto do futuro correntista. Cada banco tem o direito de, respeitadas as normas do BC, agir como bem entender — mas precisa se responsabilizar pelos riscos que assume. Ao agir de

maneira menos rígida, abre caminho para potenciais bandidos, que recebem seu aval.

Deveriam ser obrigadas a adotar no universo virtual o mesmo cuidado que têm para prevenir a entrada de pessoas armadas em suas agências. Nelas, todos somos submetidos a um detector de metais, isso fez com que fossem praticamente zerados assaltos como os que costumavam ocorrer há até uma década. É absurdo que bancos não sejam punidos pelos golpes que só podem ocorrer com o uso de suas estruturas.

Ao utilizarem contas correntes ou boletos de instituições legalizadas, bandidos agregam valor ao camarote golpista. Transmitem às vítimas uma sensação de segurança — afinal, elas não entregarão um pacote de dinheiro

a um sujeito na esquina, irão transferir grana para um ambiente, em tese, seguro e rastreável.

Antes do pix, era comum que transações com carros usados ocorressem dentro de agências bancárias, um lugar considerado seguro pelas partes envolvidas. O vendedor ficava diante do comprador e só assinava o documento de transferência ao checar o valor depositado em sua conta. Essa lógica teria que ser adaptada para o meio virtual.

Os bancos não podem continuar a lavar as mãos para os que caem em armadilhas que só existem graças à parceria do sistema financeiro. Na prática, permitem que cidadãos, muitas vezes seus clientes, sejam assaltados dentro de agências que, embora nas nuvens, continuam a ser agências.